



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10219 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

## OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID- 19 EM UMA COMUNIDADE NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA – AM

Iolete Ribeiro da Silva - Fundação Universidade do Amazonas - PPGE da UFAM

Dalvina Teixeira Rolim - Fundação Universidade do Amazonas - PPGE da UFAM

Tereza de Jesus Pires Carvalho - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

### **OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID- 19 EM UMA COMUNIDADE NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA – AM**

#### RESUMO

A educação escolar quilombola pressupõe uma pedagogia própria e o respeito à especificidade étnico- racial e cultural de cada comunidade dentre outras características reconhecidas pelo estado brasileiro com a aprovação das diretrizes curriculares em 2012. Importante conquista do povo negro essas diretrizes ainda não foram plenamente efetivadas. No contexto da pandemia do COVID-19 que afetou as escolas em todo o mundo questiona-se sobre os impactos do ensino remoto na educação quilombola. Para responder a essa questão foi realizado um estudo de caso em uma escola quilombola localizada no município de Barreirinha/Amazonas. Utilizando um aplicativo de mensagens instantâneas, respeitando o distanciamento social exigido nos protocolos sanitários de enfrentamento a covid-19 foram entrevistados/as três docentes com o objetivo de identificar quais foram as dificuldades enfrentadas a partir da adoção do ensino remoto. Os dados permitiram identificar os danos causados pelo vírus à vida humana na comunidade estudada e nos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos na escola quilombola. Evidenciou-se também que as desigualdades de raça e classe, que já existiam, foram ampliadas estabelecendo a necessidade da adoção de políticas que considerem as peculiaridades das comunidades quilombolas localizadas na região amazônica a fim de promover a inclusão digital necessária à inclusão educacional.

**Palavras-chave:** Educação escolar, Quilombola, Amazônia, Covid-19.

#### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como principal objetivo verificar os desafios da educação escolar quilombola no contexto da pandemia da covid- 19, a partir do relato de professores de uma comunidade do Município de Barreirinha-AM. Fundamenta-se na abordagem qualitativa e oportunizou às pesquisadoras aprofundarem-se nas relações intersubjetivas de aprendizagens e experiências produzidas no enfrentamento desses percalços pelos professores e estudantes nos meios sociais onde encontram-se inseridos, e, dessa maneira, entender as ações dos sujeitos em sua plena efetividade, permeadas de sentidos e significados.

A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevista via Whatsapp, seguindo os protocolos de saúde, e garantido a integridade dos sujeitos pesquisados, os áudios recebidos foram transcritos e analisados, envolvendo professores ligados diretamente com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos quilombolas na referida comunidade, os quais possibilitaram fornecer dados investigativos que visaram responder o objetivo da pesquisa, além do recebimento de documentos com o mapeamento das comunidades e falas de sujeitos quilombolas.

A escola pesquisada na comunidade quilombola do Município Amazonense de Barreirinha contava com seis (06) docentes, um (01) coordenador, e noventa e seis (96) alunos/as. As entrevistas foram realizadas com três (03) desses professores (dois homens e uma mulher), que puderam relatar o trabalho realizado no período da pandemia e as dificuldades encontradas nos processos de ensino-aprendizagem dos alunos.

Nesse trabalho compreende-se a educação escolar quilombola como uma ferramenta de luta dos povos originários, objetivando corresponder as necessidades que consolidem um processo de ensino-aprendizagem que contemplem na íntegra todos os atores envolvidos para que ela ocorra, uma luta por qualidade de vida nesses espaços.

## **1. Educação Quilombola: breve percurso.**

Em comunidades rurais isoladas e de origem negras, geralmente dentro de cabeceiras, vivem grande parte da população quilombola descendentes de africanos escravizados no Brasil no período da colonização, como discorre a trajetória histórica de seus antepassados, que por bastante tempo lutaram no enfrentamento do regime escravocrata.

No entanto, é sabido que toda a trajetória desses povos é marcada por escravização, conflitos, humilhação e preconceitos sofridos pelos seus antepassados, refletidos na história contada do período colonial, uma vez que ao chegarem ao Brasil, a educação deles se resumia em aprender o português e os valores cristãos, sendo batizados com nomes portugueses e obrigados a se converter ao catolicismo. Como afirmam Bicalho e Rodrigues (2019, p.83):

[...] é preciso reconhecer que as disputas políticas e educacionais — em instituições escolares e não escolares — se deram desde o período colonial, tanto na difusão dos valores civilizatórios europeus de controle material (dos recursos naturais, da mão de obra escrava e das terras) e subjetivo (da classificação racial, inferiorizando a população negra; e a norma legalista que tratava a formação dos quilombos como perigoso para a ordem social colonial-escravista), quanto das resistências das comunidades quilombolas, criando estratégias de negociação, articulação e conquista dentro da opressão a que eram submetidos.

Todas essas imposições que lhes foram determinadas tinham o objetivo de fazê-los esquecer de sua identidade e suas origens, os quilombolas sempre foram ignorados no processo de ensino aprendizagem, esses fatos só mudaram depois de muitas lutas e resistências por seus direitos, ainda assim, esse percurso não tem sido fácil e os desafios são mais intensos uma vez que o passado marcado pelo racismo, dor, sofrimento reflete grande negatividade destes em sociedade.

Avanços importantes nas leis e diretrizes educacionais, que vem acontecendo desde a redemocratização do país, trouxeram o reconhecimento e a garantia das propriedades demarcadas como territórios quilombolas, bem como reafirmam a necessidade de uma educação diferenciada a essas populações, respeitando suas particularidades.

Porém é importante salientar que esses direitos só foram conseguidos através de muita

luta, resistência e articulação do povo negro junto aos quilombos, pois temos um Estado que possui uma educação hegemônica, que segue um padrão eurocêntrico que não respeita os diferentes. Como exemplo dessa resistência pode-se citar a Marcha do Zumbi dos Palmares em 1955.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica - Resolução CNE/CEB N° 4/2010, define em seu artigo 41:

Art. 41 – a Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. (Brasil, 2010)

A Constituição Federal de 1988, traz um importante passo quanto ao reconhecimento das terras quilombolas, no “Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. (BRASIL, 1988)

Outros documentos importantes são a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Decreto nº 4886/2003) e a Resolução do Conselho Nacional de Educação N° 08/2012 define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. São avanços necessários para redução das desigualdades raciais no Brasil, com ênfase na população negra atuando para corrigir anos de exploração e racismo secular que impera no país, evidenciando as dificuldades enfrentadas pelo negro em nossa sociedade, no que tange a empregos, escola e convívio social (BRASIL, 2003, 2012).

## **2. O Quilombo do Rio Andirá no Município de Barreirinha- AM: Educação e desafios no contexto da pandemia da Covid-19.**

As dificuldades enfrentadas pelas populações da zona rural são enormes, esses povos estão sempre em constante articulação e luta para consolidar direitos básicos nesses espaços, como: saúde, educação, moradia, etc. Uma busca constante e necessária por qualidade social de vida. Com a pandemia da covid-19 estas desigualdades foram evidenciadas e naturalizadas, uma vez que, as aulas presenciais precisaram ser paralisadas, e as atividades passaram a se dar de maneira remota. No entanto, sabe-se que nessas regiões as questões de energia elétrica e conexão com celular e internet é quase inexistente, e quando pega são apenas em determinados lugares, muitas vezes distantes das casas da comunidade.

Em entrevista virtual via whatsapp, respeitando os protocolos de saúde devido à covid-19, conseguiram-se algumas informações fundamentais para esta pesquisa, através de relatos dos professores atuantes em uma comunidade quilombola do Rio Andirá, podendo se verificar as dificuldades enfrentadas com a pandemia, um esforço coletivo dos professores e da comunidade para que as atividades escolares continuassem sendo realizadas.

Em áudio uma professora, aqui chamada de professora A, responde que:

A principal dificuldade que eu encontrei foi em relação à comunicação, porque assim né, o sinal de celular não pega na comunidade, e eu acabei me mudando para lá, arrumei casa na comunidade, mas com a pandemia os alunos não podiam sair de casa para ir para a escola. Com o tempo fomos adaptando, e eu comecei a dar aula em casa para grupos seletos de alunos, fazendo rodizio mesmo, mas com máscara e álcool tudo certinho. As distâncias também pra ir até as casas dos alunos, porque era uma comunidade de Terra firme, quando secava tinha muito chão pra caminhar, e nas cheias a gente tinha que pegar barco. (Professora A, entrevista 2020).

Em sua fala, a professora A, expressa certo desapontamento e tristeza com a situação vivenciada por seus alunos no período da Pandemia, no qual fez com que ela percebesse e relatasse que houve uma desconexão dos alunos em relação às aulas. Isso também fica explícito na fala de outro professor entrevistado, aqui chamado de professor B:

[...] houve sim as reduções de participação dos pais e dos alunos, como eram aulas remotas eles deixaram muito a desejar, de buscar e fazer as atividades que a gente dava. Então assim, muitas vezes nós tirávamos dinheiro do nosso bolso para fazer visitas nas cabeceiras onde os alunos moram, era preciso nós irmos até eles, né. Fazíamos esforços para comprar gasolina para ir de rabeta pegando chuva, pegando sol e muitas vezes a gente não tinha sucesso porque o aluno não estava lá com a família, já tinha mudado para outra comunidade. Então eu via assim que não tinha muito compromisso da parte de alguns pais e findou o ano e muitos alunos não entregaram as apostilas, e como o sistema tinha que não podia reprovar, e teve que aprovar esses alunos por conta da pandemia, né. Então vejo que esse ano não está sendo diferente. (professor B, em entrevista 2020)

Outro professor também via áudio, aqui chamado de professor C relata que:

Minha maior dificuldade era fazer os alunos se interessarem né, porque antes eles iam pra escola tudo certinho, agora a gente dava aula em casa, e eles levavam atividades pra fazer na casa deles, mas não faziam, ou mandavam terceiros fazer, é difícil. Mas a gente se esforçava, tentava mesmo, é nosso trabalho como educador. Mas teve algo que me abalou muito, particularmente na comunidade que eu trabalhava, não teve perdas pra covid-19, teve gente infectada, mas não morreram, porém um garotinho que eu dava aula, que morreu afogado e isso mexeu muito comigo, com a gente da comunidade né. Outra coisa somada a isso foi quando eu descobri que estava infectado pela covid-19, tive que me afastar pra me cuidar. (Professor C, em entrevista 2020)

As falas aqui expostas mostram que a pandemia dificultou o processo educacional da comunidade quilombola investigada, uma vez que não tinha como haver aulas virtuais, devido à falta de sinal de celular e internet.

Mas essas questões, apenas escancararam as desigualdades raciais e sociais existentes e que estruturam as relações em nossa sociedade, por isso, pensar a educação escolar quilombola num país extremamente excludente como o nosso é um desafio diário. Tais dificuldades já existiam antes da pandemia, e nesse contexto é visível que o sofrimento e esforços dos professores e alunos foram romantizados, naturalizados endossando o discurso meritocrático.

Além disso, fica evidente que o interesse pelas aulas diminuíram, segundo as declarações aqui apresentadas, devido a falta de uma rotina escolar, que foi totalmente comprometida pela pandemia da covid-19, observa-se também que estes professores precisaram reinventar seus modos de ensinar, mudando os processos de ensino-aprendizagem que já estavam habituados.

### **CONSIDERAÇÕES:**

A pandemia da Covid- 19 é um momento atípico que trouxe diversos prejuízos à vida humana, muitos perderam familiares, amigos e conhecidos, outros ficaram com sequelas e buscam tratamentos para amenizar os sintomas avassaladores e até então desconhecidos desse vírus.

Além disso, é importante salientar que as reformas neoliberais estão cada vez mais avançando e afetando diretamente os espaços dos povos originários, além de incidir de forma prejudicial no que se refere à educação.

As dificuldades cotidianas de estudantes e professores na referida comunidade

quilombola são inúmeras, enfrentam problemas com energia elétrica, conexão de internet e celular, material didático, moradias precárias, escassez de mantimentos, entre outros, deixando claro que estes são também problemas raciais e de classe. A situação vigente evidenciou ainda mais essas desigualdades, a pandemia além de causar dor e sofrimento, deixou consequências irreparáveis na vida das pessoas.

## REFERÊNCIAS

BICALHO, Ramofly; RODRIGUES, Guilherme Goretti. **Os desafios da educação quilombola e o protagonismo dos movimentos sociais: experiências na comunidade colônia do Paiol –Bias Fortes (MG)**. Cadernos de Pós-graduação, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 82-93, jul./dez. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial da União, Brasília, DF: Presidência da República, 5 out. 1988.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 4.886**, de 20 de novembro de 2003. Brasília (DF).

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Brasília-DF: CNE, 2012

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Gerais para a Educação Básica**. Brasília, DF: CNE, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de S. Amostragem e Saturação em pesquisa Qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v. 5, n. 7, 01 a 12, abr 2017.